



Giuliano Gomes de Assis Pimentel
(Organizador)

Teorias do lazer



Maringá
2010



Copyright © 2010 para os autores

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, dos autores.

Todos os direitos reservados desta edição 2010 para Eduem.

Revisão textual e gramatical: Maria Aparecida Pavan, Maria Dolores Machado

Normalização textual e de referências: Adriana Curti Cantadori de Camargo

Projeto gráfico/diagramação: Marcos Kazuyoshi Sassaka

Imagens: fornecida pelos autores

Capa - imagens: figura fundo - A ESCOLA DE ATENAS. Pinturas do renascentista italiano Rafael (Raffaello Sanzio 1483-1520) e representa a Academia de Platão. Disponível em: <http://profzanon.blogspot.com/2010/08/aristoteles-x-platao.html>. Acesso em: set. 2010; figura centro - CIÊNCIA E TECNONOGIA. Catálogo do CorelDRAW 9. Corel Corporation Limited. Por meio dessas imagens, a capa expressa o interesse dos autores no debate acadêmico e no avanço da produção científica.

Capa - arte final: Jaime Luis L. Pereira

Ficha catalográfica: Edilson Damasio (CRB 9-1123)

Fonte: Times New Roman, Aldine721 BT

Tiragem - versão impressa: 500 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Eduem - UEM, Maringá – PR., Brasil)

T314 Teorias do lazer / Giuliano Gomes de Assis Pimentel (organizador). -- Maringá : Eduem, 2010.
206 p. : il.

Vários autores.
ISBN 978-85-7628-314-0

1. Lazer – Ciência. 2. Lazer – Teorias. 3. Lazer – Filosofia. 4. Lazer – Estudo e ensino. I. Pimentel, Giuliano Gomes de Assis, org. II. Título.

CDD 21. ed. 790.01



Eduem - Editora da Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790 - Bloco 40 - Campus Universitário
87020-900 - Maringá-Paraná - Fone: (0xx44) 3011-4103 - Fax: (0xx44) 3011-1392
www.eduem.uem.br - eduem@uem.br

Sumário

Apresentação	7
---------------------------	---

Capítulo 1

Dos clássicos aos contemporâneos: revendo e conhecendo importantes categorias referentes às teorias do lazer Alcyane Marinho; Giuliano Gomes de Assis Pimentel.....	11
---	----

Capítulo 2

Teorias do lazer e positivismo Cleber Dias.....	43
---	----

Capítulo 3

Teorias do lazer: contribuições da fenomenologia Cae Rodrigues, Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Luiz Gonçalves Junior.....	73
--	----

Capítulo 4

Marxismo e estudos do lazer no Brasil Elza Margarida de Mendonça Peixoto, Maria de Fátima Rodrigues Pereira, Francisco Máuri de Carvalho Freitas.....	103
--	-----

Capítulo 5

Leituras pós-modernistas nos estudos do lazer Giuliano Gomes de Assis Pimentel.....	151
---	-----



Capítulo 6

O método *Problem-Based Learning* e sua aplicabilidade nos estudos do lazer

Ricardo Ricci Uvinha..... 183

Sobre os autores 203



Capítulo 3

Teorias do lazer: contribuições da fenomenologia

Cae Rodrigues, Fábio Ricardo Mizuno Lemos, Luiz Gonçalves Junior

O objetivo deste texto é apresentar um pouco da constituição e do desenvolvimento da fenomenologia; como se concebe e faz ciência com o método Fenômeno Situado, oriundo da fenomenologia; usos de tal método por diferentes autores nos estudos do lazer; bem como nossa compreensão para pesquisas da prática social lazer fundamentadas na abordagem Fenômeno Situado.

Nesse sentido, iniciamos com um breve histórico da constituição do saber científico, particularmente entre os séculos XVII e XIX, o qual se encontra fortemente associado a um distanciamento da “humanidade” do humano. No século XVII, a fé na ideia de o ser humano ser capaz de produzir conhecimento, controlar a natureza e emancipar-se das explicações do mundo baseando-se na magia, na feitiçaria e nos dogmas religiosos o conduz a assumir uma atitude explicativa racional-mecanicista.

Grandes descobertas colaboravam para a consolidação de tal atitude, como, por exemplo, a Lei do movimento elíptico dos planetas ao redor do Sol, elaborada por Johannes Kepler (1571-1638), e a contestação de Galileu Galilei (1564-1642) ao geocentrismo, o que lhe custou condenação pela Inquisição. No campo da fisiologia, Willian Harvey (1578-1657) descreve a circulação sanguínea.

Ao mesmo tempo em que essas descobertas traziam desconforto aos dogmas religiosos, também acabavam promovendo uma separação entre a filosofia e a ciência, uma vez que a primeira se baseava em uma cosmologia aristotélica que não mais dava conta dos novos acontecimentos.

TEORIAS DO LAZER

René Descartes (1596-1650), amparando-se na física de Galileu e sua máxima “*a natureza está escrita em linguagem matemática*”, cindiu o ser humano em *res cogitatum* (substância pensante - mente) e *res extensa* (substância extensa - corpo físico), separando, conseqüentemente, o ser do mundo e o sujeito do objeto. No seu *Discurso do Método*, original publicado em 1637, Descartes (1987) nos indica quatro regras, sumariamente apresentadas a seguir:

- ✓ clareza e distinção: só é verdadeiro o conhecimento que é tão claro que não se tem como duvidar;
- ✓ análise: dividir-se-ão as dificuldades apresentadas em tantas parcelas quantas se fizerem necessárias para se elucidar o problema;
- ✓ ordem: iniciar a resolução do problema nas partes mais simples, seguindo posteriormente para as mais complexas;
- ✓ enumeração: revisar e enumerar as partes para certificar-se de que todos os fatores foram ponderados.

No decorrer do século XVIII e principalmente no século XIX, a união entre ciência e economia para produzir tecnologia torna-se uma tendência avassaladora, concretizando o “sucesso” das ciências naturais nas transformações conseqüentes à Revolução Industrial. Momento inclusive compreendido como da cisão entre trabalho e lazer, em que, pouco a pouco, foi se configurando, regrido e legislando um tempo específico destinado ao trabalho e outro tempo fora desse. O citado “sucesso” deu-se na descoberta de funcionamentos físico-químicos, invenção de máquinas e organização científica da produção, resultando no aumento da produtividade nas indústrias e na promessa de que um dia haveria vida boa para todos e o ser humano seria liberado das agruras do trabalho, ficando esse a cargo das máquinas.

Tal desenrolar histórico acabou por indicar um caminho metodológico supostamente melhor e seguro, que deveria guiar não só as ciências naturais como também as humanas. Mais do que nunca, a ciência se propôs a preencher o “espaço deixado vazio pela filosofia especulativa e, sobre o seu fundamento, o positivismo, para o qual o conhecimento objetivo parece

3 TEORIAS DO LAZER

estar definitivamente ao abrigo das construções subjetivas da metafísica” (DARTIGUES, 2008, p. 14).

Seguindo esse pensamento, o francês Auguste Comte (1798-1857) introduz uma nova ciência, atribuindo-lhe o nome sociologia, a qual, no entanto, inicialmente foi denominada de “física social”; sugerindo-se, pelo próprio título, a forte identidade que se percebia entre as ciências exatas e humanas. Na proposição *comteana*, a sociologia se deteria no estudo positivo das leis fundamentais próprias das relações sociais, observando objetividade, prioridade do todo sobre as partes, ausência de metas pré-concebidas ou interferência de emoções.

Na mesma linha da doutrina positivista, o também francês Émile Durkheim (1858-1917) publica, em 1895, *As Regras do Método Sociológico*, preconizando que os fatos sociais devem ser tratados como “coisas”, as quais se opõem a “ideias”. Propunha Durkheim que o pesquisador se pautasse pela máxima objetividade ao explicar um fato social, procurando a causa que o produziu nos fatos anteriores, bem como a função que aquele desempenha, ou seja, *certa causa origina certo efeito*.

A tarefa da sociologia era, assim, essencialmente explicativa e, predominantemente, buscava-se elaborar leis universais da estrutura social ao estabelecerem-se relações causais constantes. Podemos fazer referência ainda à psicologia que, no seu trilhar para ser acolhida enquanto ciência, também tem, com Sigmund Freud (1856-1939), a demonstração da preocupação em não permitir que as emoções interferissem no estudo dos casos clínicos psicológicos. Para tanto, um dos procedimentos básicos era que o paciente se deitasse em um divã, enquanto que o psicólogo ficaria sentado em uma cadeira atrás do paciente, em posição que não visse o rosto deste, mas apenas o escutasse, buscando assim evitar a ocorrência de um relacionamento menos objetivo da parte do psicólogo-cientista em relação ao seu paciente-objeto.

Nesse sentido, Dartigues (2008, p. 14) afirma que a psicologia buscava, “de acordo com a tendência positivista em voga, constituir-se como ciência exata conforme o modelo das ciências da natureza, eliminando assim os aspectos subjetivos e, portanto, aparentemente não científicos, que o uso da introspecção comporta”.

TEORIAS DO LAZER

Um dos pioneiros a propor diferenciação entre ciências humanas e naturais foi o filósofo e historiador alemão, Wilhelm Dilthey (1833-1912), ao afirmar: “a natureza, nós explicamos, a vida psíquica, nós compreendemos” (AMARAL, 1987, p. 106), assim entendendo que o interesse do pesquisador deve centrar-se na compreensão do fenômeno estudado e não na sua explicação causal, sugerindo a abordagem hermenêutica, a qual fundamentalmente se interessa pela *interpretação dos significados* de dado texto. Para Dilthey, a explicação era característica das ciências naturais, que preconizam um relacionamento causal entre os fatos, enquanto a compreensão é típica das ciências humanas, que primam pela vivacidade da experiência do ser, extraído dela seu sentido.

Max Weber (1864-1920), influenciado por Dilthey, leva para a sociologia a ideia da *compreensão*, propondo mudança da esfera das análises sociológicas de *fato social* para *ação social*. Seu método compreensivo pretende captar o sentido da conduta de um indivíduo ou grupo e não apenas o aspecto exterior dessas ações. Para ele, o ato científico se orienta pelos julgamentos de fato, por meio da observação e da análise da conduta racional humana; pois a sociologia deve compreender a ação social, interpretando-a.

Nesse sentido, Weber desenvolveu um instrumento de análise para a realidade concreta, o *tipo ideal*, com o qual expõe como se desenvolveria uma dada ação social de modo racional e orientado para determinado fim; ou seja, o tipo ideal não existe na realidade, mas serve de modelo ideal ao depurar as propriedades de situações reais da vida social, enfatizando características essenciais até apresentarem-se em sua expressão mais pura, assim, auxiliando na compreensão, interpretação e explicação de condutas sociais concretas.

Ainda hoje, contudo, temos grande influência nas investigações científicas, quer sejam da sociologia, da psicologia, da educação, da educação física ou de outras áreas, de procedimentos metodológicos que buscam eliminar as interferências subjetivas e, conseqüentemente, fragmentam o ser e o ser do mundo.

Contraopondo essa perspectiva de ciência, a fenomenologia surge, inicialmente, como epistemologia, de um questionamento do paradigma

3 TEORIAS DO LAZER

positivista, tendo como principal ponto de críticas o seu uso para as ciências humanas, já que tal método centra-se na identificação de um *fato*, algo exterior, empírico, governado por relações causais, mecânicas e mensuráveis, implicando a repetição, já que decorre de uma dada causalidade, ou seja: “depois disso, logo causado por isso”.

É na Alemanha, em fins do século XIX e primeira metade do século XX, com o filósofo Edmund Husserl (1859-1938), que se origina a fenomenologia. Husserl nasceu em Prossnitz, Moravia, em 8 de abril de 1859, estudou Matemática em Berlim, porém voltou-se para a Filosofia depois de seguir, em Viena (1884), as aulas de Franz Brentano (1838-1917), filósofo austríaco, especialista na tradição aristotélica e no estudo direto dos textos gregos. A partir deste contato com Brentano, Husserl passou a dedicar-se totalmente à Filosofia e à sua fundamentação científica. No início do século XX, foi nomeado professor de Filosofia em Göttingen e, posteriormente, em Freiburg-im-Breisgau, onde, em 1928, por ser judeu, foi forçado a se retirar do magistério, pressionado pelo antissemitismo dos nazistas. Em 1901, Husserl publicou a obra fundante da fenomenologia, intitulada *Logische Untersuchungen* (Investigações Lógicas), na qual apresentou tanto a exposição como o exemplo da nova possibilidade de se filosofar (GILES, 1975; PUGLIESI, 2001; REALE; ANTISERI, 2006).

Fenomenologia, *Phänomenologie* em alemão, é uma palavra de origem grega, formada por duas partes: *phenomenon* e *logos*, ou seja, “fenômeno” e “-logia”. Fenômeno significando *aquilo que se mostra* e -logia como pensamento e capacidade de se refletir. A fenomenologia, então, é a reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra (ALES BELLO, 2006).

A Fenomenologia de Husserl pretende ser ciência de essências e não de dados de fato e seu objetivo é descrever os *modos típicos* com os quais os fenômenos se apresentam à consciência. (REALE; ANTISERI, 2006).

No método descritivo, sustentado por Husserl, o procedimento é baseado no exame dos conteúdos da consciência do sujeito com exclusão de todas as assunções relacionadas com causas externas e com resultados desses conteúdos. A preocupação não está com as palavras no sentido linguístico, mas no desejo de retornar às próprias coisas, dadas em vivência, nos atos intuitivos, nos quais “o mundo psíquico manifesta-se como instância à qual

os objetos são dados de diferentes modos e a consciência torna-se instância constitutiva do mundo objetivo” (PUGLIESI, 2001, p. 16).

Na abordagem fenomenológica, compreende-se que o fenômeno só “se mostra como é” por meio daqueles que o experimentam nos seus mundos-vida, pela consciência, entendida enquanto *intencionalidade* ou capacidade humana de dirigir-se para, visar a alguma coisa, a qual está indissolivelmente integrada com o fluxo temporal de vivências-no-mundo. Importante destacarmos que

o princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre ‘consciência de alguma coisa’, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de *intentio*). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre *objeto-para-um-sujeito* (DARTIGUES, 2008, p. 22).

Em última instância, “Trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3).

Dentre os que aprofundaram e fundamentaram a fenomenologia, estão: Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961).

Heidegger, filósofo alemão, concentrou seus esforços no desenvolvimento da fenomenologia hermenêutica (a qual prima pela exegese ou interpretação dos textos), enquanto Merleau-Ponty, filósofo francês, concentrou-se no desenvolvimento da fenomenologia estrutural (que se refere à estrutura da consciência e não guarda relação com o estruturalismo do antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss).

Optamos, neste texto, pelo aprofundamento na abordagem Fenômeno Situado, assim, nos prenderemos mais às proposições de Merleau-Ponty, pois este exerce influência destacada na constituição dessa abordagem.

A compreensão de corpo em Merleau-Ponty

Enquanto para Descartes a primazia é da *razão* (penso, logo existo) e nosso corpo se trata de um mero invólucro (*res extensa*), o qual pode ser decomposto e explicado anatomicamente, para Merleau-Ponty, a primazia

3 TEORIAS DO LAZER

é da *percepção*, a qual só pode se dar em nosso *corpo encarnado*, ou seja, o corpo integral e incrustado ao mundo:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 18).

Merleau-Ponty (2006, p. 144) afirma que o “corpo inteiro não é para mim uma reunião de órgãos justapostos no espaço. Eu o tenho em uma *posse indivisa* e sei a posição de cada um de meus membros por um esquema corporal em que eles estão todos envolvidos”.

Para Merleau-Ponty (2006), o corpo é *tempo, espaço, fala e motricidade*, conforme detalhamento a seguir.

TEMPO é entendido como “tempo vivido” – identificado pelos gregos como *kairós*, ou o tempo do humano na sua existencialidade, e não um “tempo cronológico”, do grego *chronos*, ou o tempo enquanto horas, dias, meses (MARTINS, 1991). Para Merleau-Ponty (2006, p. 246), o corpo é “nosso meio permanente de ‘tomar atitudes’ e de fabricar-nos assim pseudopresentes, é o meio de nossa comunicação com o tempo”. A fragmentação do tempo em presente, futuro e passado no humano é arbitrária, pois “por meu campo perceptivo com seus horizontes temporais, estou presente ao meu presente, a todo o passado que o precedeu e a um futuro. E, ao mesmo tempo, essa ubiqüidade não é efetiva, ela é manifestamente intencional” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 443). O tempo não é “uma sucessão efetiva que eu limitaria em registrar. Ele nasce de *minha* relação com as coisas. Nas próprias coisas, o porvir e o passado estão em uma espécie de preexistência e de sobrevivência eternas [...]. Aquilo que para mim é passado ou futuro está presente no mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 551).

Chamamos a atenção para a letra da música “Aquarela”, do músico, cantor e compositor Toquinho, em parceria com Murizio Fabrizio, Guido Morra e Vinícius de Moraes, pois, por vezes, a linguagem poética e artística,

TEORIAS DO LAZER

por ser mais permissiva às metáforas, melhor esclarece o que estamos tentando comunicar:

Se um menino caminha e caminhando chega num muro. E ali logo em frente a esperar pela gente o futuro está. E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar. Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar. Sem pedir licença muda nossa vida. E depois convida pra rir ou chorar. Nessa estrada não nos cabe, conhecer ou ver o que virá. O fim dela ninguém sabe, bem ao certo onde vai dar (TOQUINHO, 1983).

Alertamos à existencialidade do sujeito central da letra da música, o “menino” que, sendo-ao-mundo, “caminha”, e com dificuldades a transpor em sua aventura dialética, “o muro”, vai construindo seu futuro, “tentando pilotar a astronave”, pois por ser a história, como nos lembra Freire (2005), *possibilidade* e não *determinismo*, pode vir a “rir ou chorar”, já que não “sabe, bem ao certo, onde vai dar”.

Quanto ao *ESPAÇO*, escreve Merleau-Ponty (2006, p. 149): “longe de meu corpo ser para mim apenas um fragmento de espaço, para mim não haveria espaço se eu não tivesse corpo”. Trata-se não apenas de uma região física, mas de uma região ontológica, em que há o(s) ser(es) sendo, ou seja: existindo-aí-no-mundo. Mundo esse que também está sendo. É no espaço do mundo que o ser estabelece intersubjetividade, que conhece, reconhece, produz, reproduz, forma e transforma cultura.

A *FALA* é entendida enquanto atos globais da expressividade do ser ao mundo, independente das regras de linguística. Incluem-se a expressividade verbal e não-verbal, observando-se as significações. Martins (1992, p. 60) afirma que “não conhecemos nossos próprios pensamentos até que formulamos numa expressão linguística interna, daí que é claro que o falar realiza o pensamento mais do que traduz um pensamento já pronto”. Pensamos com palavras.

De acordo com Merleau-Ponty (2006, p. 520), “a fala não pode ser considerada como uma simples veste do pensamento, nem a expressão como a tradução”. Contra isso, a experiência de linguagem testemunha. “É verdade que a comunicação pressupõe um sistema de correspondências tal como o que é dado pelo dicionário, mas ela vai além, e é a frase que dá seu

3 TEORIAS DO LAZER

sentido a cada palavra, é por ter sido empregada em diferentes contextos que pouco a pouco a palavra se enche de um sentido” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 519).

Quanto ao sentido da palavra, Merleau-Ponty (2006) afirma que homens e mulheres a apreendem assim como apreendem o uso de um utensílio, vendo-o *empregado no contexto de certa situação*. O sentido da palavra é, antes de tudo, o aspecto que o objeto assume em uma experiência humana no mundo, originando-se em sua inextricável relação com o mundo e com os outros seres humanos que o habitam.

Segundo Merleau-Ponty (2006), um orador não pensa antes de falar, nem mesmo enquanto fala; sua fala é seu pensamento, o pensamento não existe fora do mundo ou para si antes da expressão; mesmo o pretense silêncio é sussurrante de falas. Do mesmo modo, não é preciso que o ser represente o espaço exterior e seu corpo para se mover um no outro, basta que eles existam para o ser, pois “todas as ‘funções’ no homem [...] são rigorosamente solidárias, é impossível distinguir, no ser total do homem, uma organização corporal que trataríamos como um fato contingente, e outros predicados que lhe pertenceriam com necessidade. Tudo é necessidade no homem” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 235).

Para Merleau-Ponty (2006), *MOTRICIDADE* é intencionalidade original. Portanto, atributo exclusivo do humano, já que requer intencionalidade ou, nas palavras de Fiori (1986), trata-se de comportamento corpóreo-mundano (existencial), no qual se constitui e reconstitui o mundo significado, já que o encontro de consciência e mundo é a origem de ambos.

Para Merleau-Ponty (2006, p. 192-193),

[...] O movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado. [...] a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele.

Para o filósofo português, Manuel Sérgio (1999, p. 17), proponente da Ciência da Motricidade Humana, trata-se a motricidade de “movimento intencional da transcendência, ou seja, o movimento de significação mais profunda”, na qual o essencial “é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas motoras do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjetividade que a práxis supõe” (SÉRGIO, 1999, p. 17-18).

Em suma, o corpo não é um objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas, pois “não reúno as partes de meu corpo uma a uma; essa tradução e essa reunião estão feitas de uma vez por todas em mim: elas são meu próprio corpo [...]. Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.207-208).

A abordagem Fenômeno Situado

Ao assistir ao filme “Sonhos” (1992), dirigido por Akira Kurosawa, particularmente no trecho sob o título “Corvos”, que se refere a um estudante de arte em visita ao museu vendo as obras de Van Gogh, podemos realizar analogia com um dos princípios fundamentais da fenomenologia, proposto por Husserl (1988): “*ir às coisas mesmas*”. Tal estudante de arte não se limita a ver as pinturas, mas faz questão de “buscar compreensão de sua essência”. Assim, *coloca o mundo entre parênteses* ou em *suspensão*, ou seja, busca realizar a denominada *époché husserliana*, deixando as teorias apriorísticas e os preconceitos de lado, para “interrogar o fenômeno”. Deste modo, “invade” a tela da pintura, passa o plano chapado e começa a acompanhar os passos do pintor Van Gogh em sua inquietante trajetória ao mundo, observando o contexto situado em que esse ser humano *experiencia* o ato de pintar.

Em dado momento, o estudante pergunta a Van Gogh o que o fazia pintar tanto e tantas coisas, ao que o artista lhe responde: “olhe ao seu redor, está tudo aí”. Como afirma Merleau-Ponty (1969), em “O Olho e o Espírito”: o artista empresta seu corpo ao mundo e devolve sua percepção

3 TEORIAS DO LAZER

em pintura. Essa condição exclusivamente humana de perceber e doar sentido faz parte da essência da proposta metodológica da fenomenologia.

Outra situação, mais típica da imaginação daqueles que cresceram assistindo aos filmes de Spielberg (ET, 1982), seria nos questionarmos do que faríamos se encontrássemos um dócil Extra Terrestre (ET) que quisesse conhecer um pouco mais de nossa civilização e nossa cultura, particularmente se estivesse curioso em saber do que se trata o futebol.

Poderíamos tentar lhe *explicar* que se trata de um esporte praticado entre duas equipes de 11 jogadores cada, com o objetivo principal de marcar gols. Mas será que isso ia aplacar a curiosidade do nosso ET imaginário? Tal *explicação* dada por nós ao ET dimensionaria as relações que se fazem presentes em uma partida de futebol? As pressões sentidas pelo jogador vindas da comissão técnica, dos torcedores ou dos patrocinadores? A emoção da torcida diante do gol favorável ou contrário ao seu clube? A rivalidade entre duas equipes? A fruição do lazer entre os espectadores ou telespectadores? Em cada um desses casos poderíamos dizer que estamos tratando de futebol e, ao mesmo tempo, que o futebol não se reduz a nenhum desses casos. Ou seja, por mais pormenorizada que fosse nossa *explicação*, nada seria melhor para o “nosso ET” do que ir ao estádio assistir a uma ou mais partidas de futebol, conversar com os torcedores, com os atletas, técnicos e demais atores envolvidos em uma partida de futebol, ter a oportunidade também de praticar o futebol, em outras palavras, “*ir à coisa mesma*”, e *compreender*, por si, com base na *experiência*.

A “coisa” caracteriza-se pela perspectividade, inacabamento ou inesgotáveis possibilidades. A pesquisa fenomenológica, ao propor “*ir à coisa mesma*”, alude àqueles que experienciam a coisa e podem falar sobre ela, permitindo-se assim que, na variação eidética (do grego *eidōs*, que significa essência), capte-se na perspectividade um sentido que permita alcançar na coisa uma essência.

Percebemos, portanto, que a fenomenologia tem em seus fundamentos a ideia da *compreensão*. Segundo Machado (1994, p. 35), “compreender diz respeito a uma forma de cognição que diverge da explicação. Compreender é tomar o objeto a ser investigado na sua intenção total, é ver o modo peculiar específico do objeto existir. Explicá-lo é tomá-lo na sua relação

causal”. Conforme Merleau-Ponty (2006), compreender é experimentar o acordo entre aquilo a que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação, alertando que o significado não está nas coisas, mas na compreensão do humano sobre as coisas.

Na perspectiva fenomenológica, entende-se o ser existindo no mundo, a partir dos existenciais básicos propostos por Heidegger: afetividade, compreensão e expressão, que estão sempre em uma mesma dimensão de importância, sendo equiprimordiais, pois são fundantes da constituição do ser; são modos do *existir-aí* (SILVA, 1991).

Existindo-aí-no-mundo, o ser encontra-se em uma condição de abertura para a experiência e, nessa abertura, “não há um sentir anterior ou posterior ao compreender e expressar e vice-versa. O homem que sente é o mesmo que compreende e expressa. Ao expressar-se, o homem abre espaços de compreensão, e toda a compreensão, em si, já é afetiva” (SILVA, 1991, p. 8).

Apenas indo à coisa mesma, ou seja, aos sujeitos situados na região de inquérito – lugar ontológico no qual se inserem conhecimentos específicos – e interrogando-os, é que poderemos desvelar o fenômeno que se encontra oculto. A *coisa* possui existência e, então, perspectivas diversas que a deixam ser em sua plenitude (HUSSERL, 1988). Além de que situar o fenômeno significa dizer que só há fenômeno enquanto houver um sujeito no qual ele se situa (MARTINS; BICUDO, 1989).

Para Merleau-Ponty (2006, p. 104-105), olhar o objeto é entranhar-se nele, porque

[...] os objetos formam um sistema em que um não pode se mostrar sem esconder outros. Mais precisamente, o horizonte interior de um objeto não pode se tornar objeto sem que os objetos circundantes se tornem horizonte [...]. A estrutura objeto-horizonte, quer dizer, a perspectiva, não me perturba quando quero ver o objeto: se ela é o meio que os objetos têm de se dissimular, é também o meio que os objetos têm de se desvelar. [...] Em outros termos: olhar um objeto é vir habitá-lo.

Ocorre que toda representação é plural, porém tende-se a lançar uma única luz, iluminação que, por vezes, pretende ser a verdadeira, não

3 TEORIAS DO LAZER

considerando a perspectividade ou olhares daqueles que experienciam o fenômeno.

É, pois, pelo respeito à perspectividade do fenômeno que o interrogar na pesquisa Fenômeno Situado é propositadamente abrangente. Não há formulação de hipóteses sobre o buscado, mas apenas a visualização do fenômeno *tal como se mostra*, por meio de *descrições ingênuas*, não se partindo de *a priori*s ou se impondo ao sujeito um questionário com uma série de perguntas que costumeiramente estimulam o indivíduo a respostas mecânicas. Na abordagem Fenômeno Situado é usual se fazer apenas uma interrogação e deixar os colaboradores falarem livremente, preferencialmente gravando seus discursos (GONÇALVES JUNIOR, 2008a).

Nesse sentido:

A preocupação se dirige para aquilo que os sujeitos da pesquisa vivenciam como um caso concreto do fenômeno investigado. As descrições e os agrupamentos dos fenômenos estão diretamente baseados nas descrições dos sujeitos, e os dados são tratados como manifestações dos fenômenos estudados. O objeto da investigação é coletar descrições e trabalhar a essência do fenômeno (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 30).

Fazendo uso das palavras de Pais (2001, p. 110), esclarecemos que a seleção dos depoentes em pesquisas qualitativas se dá a partir da importância que estes têm no que se refere ao fenômeno interrogado. Os critérios de seleção dos sujeitos são de vivência, compreensão e pertinência no fenômeno e não de representatividade estatística, sendo assim, a amostra de modo algum tem a pretensão de generalização dos dados, mas um aprofundamento no conhecimento dessa realidade, “cuja singularidade é, por si, significativa”.

Após a coleta dos discursos (gravação das entrevistas) dos colaboradores da pesquisa, devem ser realizadas várias audições seguindo-se rigorosa transcrição. Posteriormente, se efetuam diversas leituras das entrevistas, objetivando-se o levantamento de asserções que são significativas para o pesquisador diante da interrogação empreendida, sendo este um primeiro movimento em busca da essência em cada um dos discursos, conforme

salientam Martins e Bicudo (1989); Bicudo e Espósito (1997) e Gonçalves Junior (2008a).

Trata-se da redução fenomenológica ou *epochê*, na qual a existência do mundo exterior é “posta entre parênteses”, para que a investigação vise as operações da consciência do colaborador entrevistado, e não teorias, *a priori* ou pré-conceitos do pesquisador. A redução promove um *desvelamento* do mundo da experiência vivida, observando a intencionalidade dos entrevistados e buscando clarear o fenômeno interrogado.

De acordo com Machado (1994), a análise do fenômeno situado envolve dois momentos: o da Análise Ideográfica e o da Análise Nomotética.

A Análise Ideográfica refere-se ao emprego de ideogramas ou representações por meio de símbolos. Ideogramas expressam ideias, buscam tornar visível a ideologia que permeia as descrições ingênuas (genuínas, espontâneas) dos colaboradores entrevistados.

Nesse processo de atribuição de significados, o pesquisador busca acesso ao mundo-vida e ao pensar do colaborador. “Apreendem-se, então, da leitura de cada descrição as ‘unidades de significado’, enquanto aspectos que impressionam o pesquisador, dentro de seu campo perceptual, para chegar à evidência das experiências” (MACHADO, 1994, p. 41).

Selecionadas as “unidades de significado”, estas são convertidas na forma de asserções, que indiquem o mais fielmente possível as ideias articuladas no discurso do colaborador (MACHADO, 1994).

Isso é feito por intermédio de uma redução, que “é o movimento do espírito humano que, através dos seus atos de perceber, intuir, imaginar, fantasiar, lembrar, raciocinar, organizar, consegue transcender a multiplicidade dos diferentes aspectos do fenômeno olhado e compreender aquilo que é essencial” (MACHADO, 1994, p. 41), uma síntese das proposições consistentes apresentadas nas expressões reveladoras do pensar do sujeito, constituindo agrupamentos por temas, entendidos como categorias abertas (MACHADO, 1994).

Este movimento caracteriza-se pela busca da essência ou da estrutura do fenômeno. Ao ver que o fenômeno se ilumina diante de si, o pesquisador reconhece-se ligado ao sujeito pesquisado por uma

3 TEORIAS DO LAZER

relação dialética entre o seu horizonte conceitual e a experiência do sujeito, onde através da intersubjetividade, estabelece objetivamente os seus resultados (MACHADO, 1994, p. 41).

Porém, a essência ou a estrutura do fenômeno não é o fim da análise, mas o meio pelo qual se pode trazer à luz o que as relações vividas apresentam de ordem geral ou de aspecto idiossincráticos (MACHADO, 1994). Para tanto, recorre-se à Análise Nomotética, a qual indica um movimento de passagem do nível individual para o geral da manifestação do fenômeno. A estrutura geral é resultante da compreensão das convergências, divergências e idiossincrasias dos aspectos que se mostram nas análises ideográficas.

Assim, o pesquisador organiza unidades de significado convergentes, divergentes e idiossincráticas em uma matriz nomotética, ou quadro geral de análise, agrupando-as e nomeando-as em categorias estruturais e objetivando a busca da essência do fenômeno que se revela ou manifesta nos discursos dos colaboradores, ou seja, a natureza própria daquilo que se interroga. Importante frisar que na pesquisa fenomenológica as categorias são levantadas no transcorrer da redução, a partir das asserções dos entrevistados, ao contrário, portanto, da pesquisa positivista, que define as categorias de análise *a priori* para posterior constatação de validade ou falsidade, normalmente após tratamento estatístico.

Em acordo com Gonçalves Junior (2008a), podemos sintetizar a análise do fenômeno situado da seguinte maneira: após a transcrição rigorosa dos discursos, é realizado o levantamento de asserções significativas para o pesquisador (*Identificação das Unidades de Significado e Redução Fenomenológica*); ao se perceber convergências, divergências ou ainda idiossincrasias nos discursos dos colaboradores da pesquisa entrevistados, são estabelecidas categorias estruturais e agrupadas as unidades de significado sob estas (*Organização das Categorias*); na última fase é apresentada uma compreensão do fenômeno investigado, a partir dos dados organizados na matriz nomotética (*Construção dos Resultados*).

Estudos do lazer realizados na perspectiva do fenômeno situado

Pesquisando os bancos de dados de artigos, dissertações e teses em busca de estudos que abordam as temáticas do lazer, seguindo metodologias que partem dos princípios da fenomenologia, em especial do método do Fenômeno Situado, percebemos que esses diálogos ainda são raros. A origem desses trabalhos tem ocorrido principalmente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com o Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), fundado em 1996, e a Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH), fundada em 2003.

Uma das pesquisas pioneiras nesse sentido é do professor Luiz Gonçalves Junior (1993), atual Coordenador do NEFEF e Presidente da SPQMH. Trata-se de sua dissertação em Educação, que contou com a orientação do Prof. Dr. Joel Martins. Tal dissertação teve como objetivo central desvelar a situação e os usos do lazer no período da ditadura militar (1964-1984). Em 2002, a dissertação foi revisada e convertida em artigo (GONÇALVES JUNIOR, 2002), apresentando o estudo de modo mais sintético com as seguintes categorias: A) falta de tempo e condição financeira para o trabalhador melhor vivenciar o lazer; B) o lazer enquanto alternativa de conscientização política do trabalhador; C) colônia de férias: espaço de lazer do trabalhador; D) existência de pouca organização na área de lazer para o trabalhador; E) lazer na empresa: ela investe, ela administra; F) o lazer enquanto diversão, descanso, contemplação, benefício físico-mental e recuperador das forças para o trabalho.

O NEFEF possui uma linha de pesquisa específica para os diálogos com o lazer, denominada “Estudos Socioculturais do Lazer”, e a SPQMH lançou em 2008 o livro “Interfaces do Lazer: Educação, Trabalho e Urbanização”, organizado por Luiz Gonçalves Junior (2008b), com quatro pesquisas, dentre estas, três que adotaram a metodologia fenomenológica, modalidade Fenômeno Situado.

O capítulo apresentado por Galante (2008) aponta compreensões das relações entre as áreas do lazer e da educação, sobretudo, dos processos educativos presentes na prática social da educação pelo lazer no Programa

3 TEORIAS DO LAZER

Curumim do SESC Araraquara-SP, a partir de seus atores (crianças, mães, educadores). Esse artigo é resultado da pesquisa desenvolvida pela autora no mestrado (GALANTE, 2006), apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar.

O capítulo de autoria de Gonçalves Junior (2008a) apresenta o sentido do lazer diante das novas relações de trabalho no contexto da sociedade globalizada, particularmente nas realidades vividas por Brasil e Portugal na ótica de líderes de duas centrais sindicais brasileiras (Central Única dos Trabalhadores e Força Sindical) e de duas portuguesas (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional e União Geral dos Trabalhadores). Esse artigo é resultado da pesquisa desenvolvida pelo autor no Pós-doutorado em Ciências Sociais (GONÇALVES JUNIOR, 2003), apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

O terceiro capítulo, escrito por Lemos (2008), apresenta as condições das praças no município de São Carlos, Estado de São Paulo, tanto no que concerne às suas estruturas quanto à utilização para o lazer na percepção de pessoas da comunidade, assim como, se propõe a fornecer elementos que possam auxiliar na compreensão de pensamentos/ações (ou a falta de) sobre urbanização e lazer em termos locais/globais.

Esse autor também utilizou a modalidade de pesquisa Fenômeno Situado em sua dissertação (LEMOS, 2007), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. O objetivo da pesquisa foi o de desvelar, essencialmente, as compreensões relacionadas ao lazer e aos processos educativos de quatro grupos de trabalhadores (Executivo; Administrativo; Produção; Terceirizado) de duas empresas transnacionais instaladas no município de São Carlos/SP. A construção dos resultados revelou que cada grupo apresentou suas especificidades e compartilhamentos. Se, na concepção dos responsáveis pela elaboração e pela implementação da prática social lazer esta se direcionou para a alienação e permanência, nos demais discursos indicou-se, também, a reflexão e/ou superação da situação vivida, como na compreensão do lazer, não apenas como tempo de não-trabalho ou tempo disponível, mas na sua associação à intencionalidade dos sujeitos. Quanto aos processos educativos, permearam os discursos que se relacionavam com as interações

TEORIAS DO LAZER

entre os trabalhadores, em conversas entre amigos, na própria convivência cotidiana, no estar com, seja no trabalho ou fora deste.

Outro membro do NEFEF e da SPQMH que apresentou dissertação ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar, abordando temática do lazer e adotando a abordagem Fenômeno Situado, foi Santos (2008). A pesquisa analisou os processos educativos presentes na prática social do lazer no contexto do projeto de extensão “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, desenvolvido com crianças e adolescentes entre três e 17 anos do Jardim Gonzaga e bairros adjacentes, situados na periferia da cidade de São Carlos-SP, especialmente em um novo equipamento de lazer do bairro, a Estação Comunitária (ECO), segundo a percepção dos participantes mais antigos no projeto, seus respectivos familiares e educadores que atuam no mesmo. Dentre os processos educativos desencadeados na convivência de participantes, educadores e familiares identificou: o aprender brincando, a vivência lúdica diversificada e a autonomia na decisão e forma de fruição do lazer, o afeto e a sensibilidade, o trabalho coletivo, o respeito e a solidariedade para com o outro, a afirmação étnico-racial, o respeito e a interação com o meio ambiente, o incentivo à leitura e à escrita, aprendizagens em diferentes espaços e o comprometimento.

Silva e Gonçalves Junior (2009) publicaram, recentemente, artigo que buscou, por meio de pesquisa com enfoque fenomenológico, modalidade Fenômeno Situado, compreender os processos educativos presentes na prática social lazer, a partir dos discursos de três gestores de dois clubes de empresas. Na construção dos resultados, formaram-se as seguintes categorias: A) lazer para relaxar e voltar ao trabalho; B) relacionamento interpessoal no lazer; C) possibilidades de lazer proporcionadas pela empresa. Essas categorias levaram os autores a identificar processos educativos de cooperação, atenção às regras, reivindicação, dialogicidade, alienação e possibilidade de conhecimento de uma nova localidade, processos que se deram na convivência, por meio do relacionamento interpessoal durante as interações realizadas nas ações de lazer proporcionadas pelas empresas.

3 TEORIAS DO LAZER

Outros estudiosos que realizaram pesquisas no campo do lazer, pautadas na fenomenologia, são: Professor Luiz Augusto Normanha Lima, as Professoras Maria Cristina Cavaleiro e Tatiane da Silva da Rosa e alguns membros do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana (SPQMH)¹.

O Professor Luiz Augusto Normanha Lima, do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/RIO CLARO), publicou um ensaio na Revista *Teoria e Prática da Educação* (LIMA; FERREIRA; FRAGOSO, 2005), no qual busca a compreensão não-sintética e dialética da relação entre trabalho e lazer, partindo de duas pesquisas que utilizaram o método da Análise do Fenômeno Situado, a primeira intitulada “O prazer do trabalho, o momento de *poiésis*: uma forma de lazer, uma nova visão do trabalho pela fenomenologia”, e a segunda, “Compreensão de lazer para quem não trabalha”.

Segundo os autores, as discussões sobre trabalho e lazer têm apresentado o primeiro como uma relação entre explorados e exploradores, e o segundo como uma compensação aos malefícios do trabalho, uma compreensão dicotômica, na qual um aliena e o outro liberta. Nessa perspectiva, fazem-se necessárias a libertação das obrigações do trabalho e a conquista do tempo livre. Entretanto, essa compreensão imediatista do trabalho e do lazer, como oposições, desconsidera a complexidade desses fenômenos, dificultando “[...] outras formas de compreensão que possam revelar, de maneira diferenciada, os significados atribuídos aos fenômenos, às experiências vividas entre o trabalhando e o realizando o lazer” (LIMA; FERREIRA; FRAGOSO, 2005).

Em busca dessas outras formas de compreensão, as duas pesquisas mencionadas buscaram compreender a *poiésis* do trabalho e a situação de pessoas que, figurativamente, não possuem um trabalho, caso dos desempregados e dos aposentados, considerando o tempo do mundo vivido dos entrevistados, as experiências do trabalhando e do estando sem trabalho. Para a realização desses estudos, os autores optaram

¹ Para conhecer o Nefef - SPQMH e publicações de seus membros, consultar: <<http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/>>.

TEORIAS DO LAZER

por uma abordagem qualitativa do Fenômeno Situado, pela qual a investigação do fenômeno é sempre subordinada à perspectiva dos sujeitos envolvidos na situação. Nesse sentido, o Fenômeno Situado, nessas pesquisas, se refere à compreensão de trabalho, de lazer e do ócio por parte dos indivíduos que vivenciam a experiência do trabalho, no caso dos empregados, e do não-trabalho, no caso dos aposentados e desempregados.

Tendo como referência a Análise do Fenômeno Situado, o “trabalhando” e o “vivenciando o lazer” não podem ser compreendidos como fatos ou causas, mas sim fenômenos possuidores de qualidades essenciais que podem ser reveladas. Buscando “desvelar” os fenômenos, foram realizadas entrevistas com as seguintes perguntas, na primeira e segunda pesquisa, respectivamente: *O que é o prazer do seu trabalho?* – remetendo os sujeitos a um conceito de trabalho como momento de contentamento, satisfação e motivação, tomando como referência o momento de criação em um trabalho, a *poiésis*, como momento de contemplação, imaginação e cultivo da mente; e *O que é lazer para você?* – buscando compreender o conceito de tempo livre de aposentados e desempregados interrogados.

Os discursos manifestados nas entrevistas foram gravados e transcritos e serviram para delinear o caminho da compreensão do trabalho como prazer, do lazer como trabalho e do lazer para quem não trabalha, no caso dos aposentados e desempregados. Em seguida, foram realizadas análises Ideográficas e Nomotéticas das entrevistas desenvolvidas.

As pesquisas revelaram que, para as pessoas desempregadas, o tempo livre é percebido de modo diferente das pessoas que possuem vínculos empregatícios. Procurar trabalho, assim como a realização de tarefas cotidianas, pode ser considerado lazer, pois representa possibilidades de sair do *fazer nada*. Além disso, momentos de diversão, descontração, contato com a natureza (contemplação) e aproximação com outras pessoas são considerados lazer, que pode assim ser percebido enquanto momento de humanização e de aproximação com a própria existência.

Ainda, segundo as pesquisas, compreendendo o tempo a partir de duas possibilidades, o *Cronos* e o *Kairós*, como faz Martins (1991), *Cronos* significa um tempo delimitado por mensurações provenientes das

3 TEORIAS DO LAZER

pesquisas científicas essencialmente ônticas, que se esquecem do Ser e de suas possibilidades, e *Kairós*, um tempo vivido em uma determinação consciente e efetiva de nossa existência:

Nesse sentido, o tempo de cada indivíduo no lazer e no trabalho configura uma infinidade de possibilidades em que lazer pode ser considerado trabalho, e trabalho, lazer. O trabalho pode ser gratificante e, nele, pode estar situado o lazer. O lazer, por outro lado, pode não se apresentar apenas como uma ocupação do tempo com o que não é trabalho. Essa ocupação pode tornar-se um novo trabalho, ou possuir as características de um trabalho. Lazer e trabalho são sempre encontros sociais, e neles está envolvido o tempo cronológico dos indivíduos (LIMA; FERREIRA; FRAGOSO, 2005, p. 37).

Mas se o lazer e o trabalho podem ser tempos cronológicos, em ambos também se revela o *Kairós*, que, pela experiência vivida, determina o que é trabalho e o que é lazer para o indivíduo que o vivencia e como se mostra a liberdade no trabalhar e no fruir o lazer.

Outra pesquisa que chamou nossa atenção foi a dissertação de Rosa (2006) ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A pesquisa teve por finalidade conhecer as vivências de lazer de jovens estudantes do ensino médio de um bairro de Porto Alegre, focando na concepção de lazer desses jovens, entendendo que as vivências de lazer não ocorrem apenas sobre bases objetivas (tempo e atividade), sendo necessário considerar também aspectos de ordem subjetiva (atitudes, gostos, preferências).

A pesquisa foi realizada com meninos e meninas com diferentes rotinas: jovens que trabalham, jovens que desenvolvem atividades extra-escolares e jovens que apenas estudam. A análise, a partir do enfoque fenomenológico, possibilitou a compreensão do fenômeno lazer a partir dos significados que este possui para os jovens, considerando os aspectos culturais e valores que eles destacam na percepção do fenômeno. A partir da redução fenomenológica, observando unidades de significado das descrições que os jovens atribuíram às seguintes perguntas: 1) *O que é lazer?* e 2) *Qual o sentido do lazer em nossas vidas?*, a autora reuniu as principais ideias

TEORIAS DO LAZER

em tabelas, destacando as falas dos jovens, as atividades que realizam, os lugares que frequentam, entre outros aspectos.

Os resultados mostram que a maior parte dos jovens caracterizou como lazer os momentos em que estavam envolvidos com atividades que gostam de realizar ou que lhes proporcionam sensação de diversão. Além disso, o que apontam como lazer ocorre, principalmente, dentro do bairro, nas imediações de suas casas, não envolve gastos e se constitui por atividades que realizam cotidianamente. A pesquisa ainda mostra que o lazer dos jovens reflete a condição econômica das famílias e as condições materiais do lugar onde vivem, permitindo compreender que os aspectos culturais, econômicos e sociais incidem sobre o lazer. A consideração da existência dessa dimensão subjetiva e da interferência de elementos do contexto onde vive o sujeito na constituição do lazer revela o quanto é complexo tentar classificá-lo e apreendê-lo em um conceito.

A Professora Maria Cristina Cavaleiro, que apresentou sua dissertação à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (CAVALEIRO, 2004), também optou pela abordagem fenomenológica. Esse estudo buscou compreender como as mulheres que fazem parte do coletivo “Mulheres em Movimento”, que emergiu no contexto das lutas populares de Diadema (região metropolitana da Grande São Paulo) e reivindicava o direito ao desenvolvimento de práticas culturais de lazer, estabeleceram uma ponte entre a esfera privada (o universo doméstico) e a vida pública; a identidade individual e a ação coletiva.

A autora utilizou o enfoque da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, por considerar essa ação coletiva como um acontecimento social, que envolveu percepções e representações que as mulheres possuem de si mesmas, de suas relações com os outros e com o mundo, tornando-se fundamental entrar no campo dos sujeitos, suas ações e os sentidos nelas contidos. Nesse sentido, procurou circunscrever e analisar o significado e as percepções que algumas protagonistas do coletivo “Mulheres em Movimento” têm de sua experiência na constituição dessa identidade coletiva e para elas próprias como individualidade.

3 TEORIAS DO LAZER

Sob o enfoque da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado, o fenômeno desvela-se como um conjunto de asserções significativas ao pesquisador, que aponta para a consciência que o sujeito tem do fenômeno. A pergunta elaborada pela autora para a coleta dos discursos foi: *Para você, o que é buscar “mulheres em movimento”?* Situado o fenômeno, recolhidas as descrições, iniciaram-se os momentos de análises ideográficas e nomotética, ou seja, a redução e a compreensão fenomenológica.

Analisando os discursos, a autora compreende que, construindo uma identidade coletiva, a participação das mulheres nas suas disputas pela apropriação do direito ao lazer na cidade de Diadema, ao permitir o contato com o mundo “fora de casa”, significou, para muitas delas, o enfrentamento de “fronteiras movediças” ainda muito presentes no espaço público, no qual o reconhecimento revela-se sempre mais difícil e suspeito para as mulheres e, dentro de casa, pelas reações contrárias no núcleo familiar, principalmente por parte dos “companheiros”.

A autora ainda afirma que, em função de suas experiências, as mulheres começaram a ter percepções e expressões em suas relações cotidianas fundamentais para redefinir suas próprias relações na esfera pública e, conseqüentemente, na construção de sua identidade de gênero. Ao tomarem contato com novos saberes, ao vivenciarem esses novos espaços de participação, esse outro espaço social “fora de casa”, a ginástica, o movimento, o coletivo, as festas, os encontros, as apresentações, passaram a construir novas representações sociais sobre si e sobre o mundo que as cerca, ampliando conhecimento sobre seus direitos, inclusive, e, nesse caso, especialmente, o direito ao lazer.

As pesquisas destacadas nesse capítulo não só trazem importantes contribuições para o campo do lazer, mas também oferecem um olhar distinto sobre os fenômenos abordados, adotando metodologia qualitativa, em particular a fenomenologia, modalidade Fenômeno Situado, a qual tem buscado seu espaço no universo acadêmico, caminho que tem como ponto de partida uma base sólida na filosofia fenomenológica existencial.

Considerações

Se os objetivos das pesquisas no campo do lazer não estão calcados em *a priori*, nos quais o pesquisador busca objetivar fatos, a fenomenologia tem muito a contribuir.

Isso significa que, ao optarmos por realizar pesquisa qualitativa no campo do lazer segundo a modalidade Fenômeno Situado, alguns cuidados precisam ser tomados. Não é possível falarmos em pesquisar aprendizagem, alienação ou resistência relacionadas ao lazer genericamente. Nessa modalidade de pesquisa não podemos considerar os acontecimentos “em si”, como se fossem realidades objetivas. As dicotomias sujeito-objeto, mundo exterior-mundo interior, corpo-alma, servem apenas para suscitar equívocos. Dessa maneira, para a fenomenologia, o objeto de investigação não é o acontecimento em si, mas a natureza subordinada à maneira humana de perceber sua vivência no lazer.

Como escrevem Martins e Machado (1997), o comportamento humano não é uma série de reações cegas a estímulos, nem é a projeção de atos motivados pela ideia pura produzida pela mente desincorporada e sem mundo, é um inter-relacionamento dialético entre o ser e o mundo que não pode ser expresso em termos de causalidade.

No entendimento do lazer, compartilhamos com Gonçalves Junior e Santos (2006) a observação que tem dado valor no estudo desse campo, basicamente, para quatro aspectos: tempo, espaço, atividade e atitude. Concordando com os autores, explicitamos nossa compreensão da vivência do lazer não fragmentada em tempo (de trabalho x livre/disponível), tampouco como sendo possível de se realizar apenas delimitada em espaços (equipamentos específicos de lazer x outros espaços), nem mesmo fechada em atividades (não-sérias x sérias), mas prioritariamente enquanto atitude, ou seja, a *intencionalidade*. Reconhecemos, porém, as interferências da prática social trabalho na prática social lazer e vice-versa, bem como de outras práticas sociais. Também chamamos a atenção para a necessidade de políticas públicas que dêem destaque para a construção de equipamentos específicos de lazer. Quanto à atividade, compreendemos que devam ser significativas e cheias de sentido para o ser que a realiza.

3 TEORIAS DO LAZER

Que este não seja compelido, alienado ou oprimido, implicando, portanto, a *intencionalidade* atribuída pelo ser ao lazer (e demais práticas sociais), não desconsiderando o contexto sociopolítico, que envolve opressão (de uns sobre outros) e desigualdades (entre uns e outros). A prática social do lazer se dá nas relações entre pessoas, grupos, comunidades, sociedades e nações, desenvolvidas com certas finalidades e em certos espaços e tempos (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006).

Assim, apesar de certamente apreciadas as categorias *tempo, espaço e atividade* em nossas pesquisas, temos como fundamental a categoria *intencionalidade* na compreensão do lazer, ou seja, a *intencionalidade* quanto a que *atividade* fazer ao assumir *tempo-espaço*, distinto daquele do trabalho ou, quiçá, ter atitude autônoma nas práticas sociais de lazer e de trabalho, inclusive não fragmentando tais dimensões da vida enquanto *atividades e/ou espaços e/ou tempos* estanques (GONÇALVES JUNIOR, 2008a).

Consideramos desse modo os colaboradores de nossas pesquisas não como receptáculos das situações que ocorrem na sociedade onde estão inseridos, mas como participantes dinâmicos das relações sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas, o que permite que eles se apropriem, mantenham, questionem, modifiquem os valores e comportamentos de seu tempo e lugar, pois tais pessoas ou comunidades são capazes de repassar conhecimentos e tradições, suprir necessidades de sobrevivência material e imaterial, pensar e refletir sobre a situação de vida, inclusive propondo e executando transformações para garantir direitos ou dirimir distorções (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006).

Nessa perspectiva, embora políticas de lazer de certos setores ou grupos possam visar à alienação, acomodação e manutenção/recuperação do trabalhador para este retornar ao trabalho, pode também ser possibilidade de conscientização, de resistência, de transformação e autonomia de homens e mulheres, inteiros, de corpos encarnados, dotados de intencionalidade.

Prioritários, portanto, para nós, o cuidado e o compromisso junto às pessoas, grupos ou comunidades desde a inserção do processo de pesquisa, pois não se tratam de *objetos* de estudo, mas de homens e mulheres, ou seja, *sujeitos* colaboradores do estudo, que nos possibilitam, ao compartilhar

TEORIAS DO LAZER

suas falas, um encontro de consciências, o exercício da intersubjetividade, ganhando força o social, mesmo porque nenhum indivíduo existe como entidade isolada, já que carrega em si certa experiência de mundo.

Em concordância com Freire (2001, p. 18-19):

Consciente de que posso conhecer social e historicamente, sei também que o que sei não poderia escapar à continuidade histórica. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo [...] A história é tão vir-a-ser quanto nós [...] quanto o conhecimento que produzimos. [...] Seria impensável um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer, fora da História. [...] Não podemos sobreviver à morte da história que, por nós feita, nos faz e refaz.

Assim, nos engajamos pela realização de estudos e pesquisas contextualizadas com (e não sobre) pessoas, grupos e comunidades “marginalizados” pela sociedade, pois só estes podem falar sobre as experiências encarnadas de “marginalização”, bem como de suas resistências, lutas e reivindicações por uma sociedade humanizada, com melhores condições de vida, de trabalho e de fruição da prática social lazer.

Referências

ALES BELLO, Ângela. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: EDUSC, 2006.

AMARAL, M. N. C. P. **Dilthey**: um conceito de vida e uma pedagogia. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1987.

BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: UNIMEP, 1997.

CAVALEIRO, Maria C. **Mulheres em movimento**: identidade coletiva e subjetividades nas práticas culturais de lazer na cidade de Diadema. 2004. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

3 TEORIAS DO LAZER

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia**. São Paulo: Centauro, 2008.

DESCARTES, René. Discurso do método. In: DESCARTES, René.. **Os pensadores**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ET. O Extraterrestre. Direção de Steven Spielberg. São Paulo: Universal Pictures. 1 vídeo cassete, 115min., son., colorido, VHS/NTSC, 1982.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 3-10, jan./jun. 1986.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALANTE, Regiane C. **Educação pelo lazer**: a perspectiva do Programa Curumim do SESC Araraquara. 2006. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2006.

_____. Lazer e educação: um estudo sobre o Programa Curumim. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz (Org.). **Interfaces do lazer**: educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. v. 1. p. 54-108.

GILES, Thomas R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1975.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **A atividade física de lazer para os sindicalistas no período da ditadura militar**. 1993. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.

_____. Lazer no período da ditadura militar: o desvelar de depoimentos de sindicalistas da Grande São Paulo - Brasil. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n. 10, p. 35-55, 2002.

_____. **Lazer e novas relações de trabalho em tempos de globalização**: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal. 2003.

TEORIAS DO LAZER

94f. Tese (Pós-Doutorado em Ciências Sociais)-Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

_____. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz (Org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008a. v. 1. p. 54-108.

_____. (Org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008b.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; SANTOS, Matheus O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: EDUCERE. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., PUCPR - PRAXIS, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR. 2006. p. 1-14. v. 1.

HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas; sexta investigação: elementos para uma elucidação fenomenológica do conhecimento. In: HUSSERL, Edmund. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 13-40.

LEMONS, Fábio R. M. **Compreensões de trabalhadores em transnacionais de São Carlos acerca da prática social lazer: processos educativos envolvidos**. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2007.

_____. Lazer e urbanização: Praças da cidade de São Carlos. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz (Org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. v. 1. p. 54-108.

LIMA, Luiz A. N.; FERREIRA, Luiz F. S.; FRAGOSO, Rafael S. Pesquisas em fenomenologia compreendem o lazer, o ócio e o trabalho. **Revista Teoria e Prática da Educação**, Cidade?, v. 8, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2005.

MACHADO, Ozeneide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, M.A.V.B.; ESPOSITO, V.H.C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

3 TEORIAS DO LAZER

- MARTINS, Joel. Não somos *chronos* somos *kairós*. Palestra proferida por ocasião do evento **O envelhecer na PUC**. São Paulo: PUC/SP, 1991. Mimeo.
- _____. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como “poiésis”. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes; EDUC, 1989.
- MARTINS, Joel; MACHADO, Ozeneide V. M. Introdução ao curso “seminários avançados em fenomenologia”. In: BICUDO, Maria A. V.; ESPÓSITO, Vitória H. C. (Org.). **Joel Martins...** um seminário avançado em fenomenologia. São Paulo: EDUC, 1997. p. 17-28.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PAIS, José M. **Ganchos, tachos e biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.
- PUGLIESI, Márcio. Prefácio. In: HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras, 2001. p. 9-18.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, 6**: de Nietzsche à escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006.
- ROSA, Tatiane da S. da. **Lazer**: concepções e vivências de uma juventude. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SANTOS, Matheus O. **Ludicidade, animação cultural e educação**: um olhar para o projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”. 2008. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

TEORIAS DO LAZER

SÉRGIO, Manuel. A racionalidade epistémica na educação física do século XX.
In: SÉRGIO, Manuel et al. **O sentido e a acção**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p.
11-30.

SILVA, Antônia T. **Sentido dos existenciais básicos para Heidegger**. São Paulo,
1991. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação)-Programa de Estudos
Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São
Paulo, 1991.

SILVA, Robson A. da; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e processos
educativos: o olhar de gestores de clubes de empresas. **Licere**. v. 12, n. 2, p. 1-31,
2009.

SONHOS. Direção de Akira Kurosawa. São Paulo: Touchstone Home Video. 1
vídeo cassete, 98 min., son., colorido, VHS/NTSC, 1992.

TOQUINHO. **Aquarela**. Rio de Janeiro: Ariola, 1983. 1 disco sonoro.